

# **A doutrina nietzschiana do eterno retorno: uma tentativa de reviravolta na moral através da subversão da noção ocidental de tempo e história**

**The Nietzschean doctrine of eternal return:  
an attempted overturn in morale through the subversion  
of the Western notion of time and history**

João Evangelista Tude de Melo Neto<sup>1</sup>

## **Resumo**

O principal objetivo de nosso texto é examinar de que maneira a doutrina do eterno retorno se relaciona com o projeto nietzschiano de transvaloração dos valores. Para efetivar nosso intento, realizaremos, primeiramente, uma investigação acerca da esfera cosmológica da doutrina do eterno retorno. Em segundo lugar, promovemos a relação entre esse âmbito cosmológico do eterno retorno e o projeto de transvaloração dos valores. Por fim, nós tentamos refletir sobre uma tradicional aproximação que se tem feito entre Nietzsche e Kant no que diz respeito ao âmbito moral.

**Palavras-chave:** eterno retorno, transvaloração dos valores, cosmologia, valores morais, Kant

## **Abstract**

The main aim of this paper is to examine how the doctrine of the eternal recurrence of the same is related to the Nietzsche's project of transvaluation of values. To accomplish this purpose, first we examined the cosmological sphere of the doctrine. Secondly, we promoted the relationship between this cosmological context and the project of transvaluation of values. Finally, we tried examine, in the last part of the paper, a traditional question above the relations between Nietzsche and Kant in the moral sphere.

**Key words:** eternal recurrence, transvaluation of values, cosmology, moral values, Kant.

---

<sup>1</sup> João Evangelista Tude de Melo Neto é Prof. Dr. do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bacharel em Filosofia pela UFPE, Bacharel em Comunicação Social pela UNICAP. É também membro do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN).

Na história da pesquisa Nietzsche, houve um grupo de comentadores que deram maior ênfase ao aspecto cosmológico da doutrina do eterno retorno do mesmo. Para esses estudiosos, a tarefa fundamental da pesquisa acerca do tema em questão seria esclarecer de que maneira o filósofo concebe o cosmo como um eterno retorno do mesmo. No entender desses comentadores, Nietzsche compreenderia o universo como um movimento circular que transcorreria eternamente em repetidos ciclos de sequências cósmicas. Em cada ciclo, tudo se reproduziria da mesma maneira, repetindo as configurações cósmicas de todos os outros ciclos. Nesse sentido, a totalidade dos eventos – incluindo todas as ações e vivências humanas – retornaria eternamente do mesmo modo e na mesma sequência. No devir, não haveria nem instante inicial nem um estado final, mas apenas a eterna repetição do mesmo.<sup>2</sup>

Houve também quem compreendesse o eterno retorno por um viés ético-existencial. Tomando por questão central o caráter prático do tema, os adeptos dessa linha interpretativa deram pouca atenção ao seu aspecto cosmológico. Para eles, o verdadeiro objetivo da doutrina seria provocar um impacto na conduta humana, pois o eterno retorno teria o poder de produzir um efeito exortativo sobre o modo de agir. Em outras palavras, o eterno retorno suscitaria uma espécie de imperativo ético-existencial: *viva cada momento de uma forma que queira vivê-lo infinitas vezes*.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Alguns estudiosos que deram ênfase à questão cosmológica do eterno retorno foram: Becker (BECKER, 1963: 41-66), Stambaugh (STAMBAUGH, 1972), Sterling (STERLING, 1977), Danto (DANTO, 1980: 316-322) e, mais recentemente, D'Iorio (D' IORIO, 2007). É importante ressaltar que os comentadores dessa linha interpretativa não entenderam, necessariamente, a doutrina apenas a partir do viés cosmológico – mas deram bastante destaque a este aspecto.

<sup>3</sup> Alguns comentadores que entenderam a doutrina por um viés normativo foram: Alois Riehl, Oskar Ewald, Arthur Drews, Richard Moritz Meyer, Raoul Richeter e Karl Heckel. Para um apanhado mais detalhado sobre essa linha interpretativa, ver: (MARTON, 2001: 88 a 103).

Além dessas duas vias interpretativas, existe ainda uma terceira via que apresentou uma outra tentativa de esclarecimento acerca do tema. Esse terceiro posicionamento sustenta que o eterno retorno do mesmo não pode ser entendido, exclusivamente, como uma concepção acerca da totalidade cósmica nem tampouco, apenas, como uma exortação para a ação – o âmbito ético-existencial e o domínio cosmológico estariam completamente imbricados. De uma maneira geral, afirma-se, aqui, que a cosmologia do eterno retorno só teria sentido se fosse pensada como parte integrante do projeto nietzschiano da transvaloração dos valores. Ou seja, a doutrina deveria ser concebida conjuntamente com um intento que visa a promover uma transformação dos valores morais do Ocidente.<sup>4</sup> Vejamos como, de fato, o âmbito cosmológico do eterno retorno está relacionado com o projeto de transvaloração dos valores.

Nietzsche afasta de sua cosmologia qualquer possibilidade de dualidade e transcendência. Isso porque, para ele, o cosmo seria uma unidade múltipla de forças conflitantes que devém eternamente. Destarte, o cosmo consistiria num eterno vir-a-ser, constituído por uma incessante luta de forças contrárias. Essas forças seriam limitadas em número, compondo “uma soma fixa

---

<sup>4</sup> Defendendo essa perspectiva, podemos inicialmente apontar: Karl Löwith (LÖWITH, 1998), Müller-Lauter (MÜLLER-LAUTER, 2009 (sic) [2011]). Scarlett Marton (MARTON, 2001), Ivan Soll (SOLL, 1980), Arnold Zuboff (ZUBOFF, 1980), Nuno Nabais (NABAIS, 1997), Didier Frank (FRANCK, 1988) e Patrick Wotling (WOTLING, 1995). É bem verdade que, apesar de defenderem o entrelaçamento entre os dois aspectos da doutrina, esses comentadores divergem segundo o grau de importância e a forma de relação entre esses âmbitos. Wotling, por exemplo, sustenta que a relação entre os dois aspectos deve ser entendida a partir de uma hierarquização, pois a cosmologia estaria subordinada ao aspecto prático. Em *La philosophie de l'esprit libre*, ele promove um diálogo com Löwith que – no entender de Wotling – teria dado uma igual importância aos dois âmbitos e proposto uma justaposição do aspecto prático e cosmológico. (WOTLING, 2008: 399-420).

de força [...] que não aumenta nem diminui”.<sup>5</sup> Por essa razão, também produziriam um número limitado de combinações que determinaria todas as configurações cósmicas possíveis. Apesar de conceber o número de combinações como finito, Nietzsche entendia que o vir-a-ser se desenrolaria num tempo eterno. Dessa maneira, o filósofo propõe que as forças finitas, combinadas num tempo eterno, exigiriam o eterno retorno do mesmo.<sup>6</sup> Tudo deveria retornar eternamente, de forma encadeada, do mesmo modo e na mesma sequência. Cada estado “presente” “determinaria” o estado “passado” num eterno ciclo de repetições autocondicionadas.<sup>7</sup> Enfim, na cosmologia do eterno retorno, teríamos um vir-a-ser que não possuiria um *télos* para o seu desenrolar, já que esse vir-a-ser seria entendido como uma eterna repetição de todas as configurações cósmicas. O mundo se transformaria sem uma finalidade definida, pois se repetiria eternamente em ciclos.

Conforme essa cosmovisão, só haveria um mundo e uma vida repetidos eternamente. Em outras palavras, tudo recorreria de maneira “idêntica” e, por isso, a mesma vida terrena seria repetida para sempre. Não haveria, portanto, uma vida eterna em outro plano “‘agora eu morro e me extingo’, dirias, ‘e num relance não serei mais nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. [...] não para uma vida nova ou uma vida melhor ou semelhante – Eternamente retornarei para esta mesma e **idêntica** vida”

<sup>5</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Fragmento póstumo XI, 38 [12], junho-julho de 1885.

<sup>6</sup> Podemos acompanhar a argumentação do próprio Nietzsche: “Num tempo infinito, obter-se-ia qualquer combinação possível num momento ou noutro; melhor ainda: ela seria obtida um número infinito de vezes. E assim como, entre cada ‘combinação’ e seu ‘retorno’ seguinte, todas as combinações possíveis deveriam se apresentar e cada uma destas combinações determinaria toda a sequência das combinações na mesma série, também ficaria comprovada a existência de um ciclo de séries exatamente idênticas [...]” NIETZSCHE, Friedrich. Fragmento póstumo. XIV, 14 [188].

<sup>7</sup> Devemos esclarecer que, ao utilizarmos os termos ‘presente’, ‘passado’ e ‘futuro’, estamos caindo num erro, pois, num tempo cíclico, as “instâncias intratemporais” perdem seu sentido usual.

(NIETZSCHE, 1995: 227. grifo nosso).

Com o projeto de transvaloração dos valores,<sup>8</sup> Nietzsche pretendeu realizar uma total “reviravolta” nos valores da civilização ocidental. Nesse sentido, não é à toa que o filósofo conclui seu *Anticristo* conclamando à transvaloração da seguinte forma: “E o tempo é contado pelo *dies nefastus* (dia nefasto) com que teve início esta fatalidade – a partir do primeiro dia do Cristianismo! Por que não pelo último? A partir de hoje? – transvaloração de todos os valores” (NIETZSCHE, 2007: 80). Embora esse tom iconoclasta possa levar a pensar que a transvaloração dos valores se resume a uma simples inversão dos valores, entendemos que ela consiste em algo mais complexo. A transvaloração seria uma espécie de processo constituído por três “movimentos” complementares:<sup>9</sup> 1) A *supressão* das referências a partir das quais os valores até então foram legitimados: nesse primeiro sentido, “transvalorar” assume um caráter crítico e destrutivo frente à tradição metafísica e religiosa do ocidente. A intenção, aqui, é demolir os fundamentos do “antigo” modo de valorar, o que, por conseguinte, faria ruir os antigos valores. 2) A *inversão* da direção da forma de valorar:<sup>10</sup> no entender de Nietzsche, a maneira de valorar da civilização ocidental teria sido, até então, direcionada pelo além, já que esta civilização teria construído seus valores a partir da adoração de noções como ‘Deus’, ‘além’, ‘vida eterna’ e ‘alma’. Essa *veneração* do além teria, entretanto, promovido o *desprezo* do ‘mundo terreno’, da ‘vida terrena’ e do ‘corpo’.

---

<sup>8</sup> ‘Transvaloração dos valores’ é a tradução da expressão *Umwertung der Werte*. Essa expressão também é traduzida, para o português, por ‘tresvaloração dos valores’, ‘transposição dos valores’ e ‘reviravolta dos valores’.

<sup>9</sup> Aqui, seguimos de perto as análises de Scarlett Marton. No nosso entender, a interpretação da comentadora constitui, neste momento, um bom ponto de partida para compreendermos a transvaloração dos valores. Ver: (MARTON, 2001: 75, 77 e 78).

<sup>10</sup> Aqui também partimos da interpretação de Marton. No entanto, desenvolvemos nosso raciocínio de uma forma um pouco diferente. A comentadora diz: “Transvalorar é inverter valores” (MARTON, 2001: 77).

Para Nietzsche, chegara a hora de inverter a direção desse valorar. Agora, o que deveria ser *estimado* seria a Terra e não o além. 3) A *criação* de novos valores: através da supressão das antigas referências e da inversão do modo de valorar, estaria aberta a possibilidade de criar novos valores afirmativos do mundo, do corpo e da vida. Enfim, a destruição das antigas tábuas de valores – e de tudo o que as legitima – e o redirecionamento das estimativas de valor possibilitaria, simultaneamente, a criação de novas tábuas.

Sabe-se que, para Nietzsche, as noções transcendentais do platonismo e do cristianismo serviram como justificativa à moral do Ocidente – que, no entender do filósofo, consiste numa moral de negação da vida terrena. Em outros termos, teriam sido noções como juízo final, reino de Deus, vida eterna, mundo inteligível, etc. que teriam dado, até hoje, sustentação à moral ocidental. Levando isso em conta, podemos afirmar que, para levar a cabo o seu projeto transvalorativo, Nietzsche precisaria propor novas referências imanentes que justificariam uma moral de afirmação da vida terrena. Ora, é nesse sentido que o eterno retorno do mesmo se configura como um novo referencial cosmológico a serviço da efetivação da transvaloração dos valores. Ou seja, com o seu ensinamento do eterno retorno – uma cosmovisão cíclica e não dualista –, Nietzsche vislumbrou a possibilidade de suprimir e substituir a concepção cosmológica dominante no Ocidente – essa, enraizada numa compreensão linear de tempo, num dualismo de mundos e na noção de um Deus criador e juiz.

No contexto nietzschiano do eterno retorno, não haveria nenhum Deus criador e juiz: o “*processo circular do universo* [...] implica a antítese de todas as formas de teísmos até agora!”<sup>11</sup> E mais, no lugar da dicotomia platônico-cristã, ‘mundo terreno e perecível’ *versus* ‘mundo redentor do além’, teríamos a ‘eterna repetição do mesmo mundo’. Enfim, com essa mudança de cosmovisões, o filósofo pretendeu promover uma transformação nos paradigmas éticos da tradição – e aí estaria a principal relação com

<sup>11</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.561, 11 [312], primavera-outono de 1881.  
12 - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

a transvaloração dos valores –, pois as ações humanas, pensadas a partir do eterno retorno, não poderiam ser guiadas nem por uma esperança de redenção no além, nem pelo medo do castigo eterno no inferno. O “peso ético” da eternidade não estaria mais localizado num além-mundo, mas, sim, neste mundo terreno.

Caso a mudança de cosmovisões promovida pela doutrina do eterno retorno realmente fosse exitosa, Nietzsche acredita que ela poderia promover uma *inversão* no modo de valorar da tradição ocidental. Isso porque as ações humanas, pensadas a partir do eterno retorno, não poderiam ser guiadas nem por uma esperança de redenção no além, nem pelo medo do castigo eterno no inferno. Pensando a partir da doutrina, o homem não poderia “vislumbrar uma bem-aventurança, uma bênção e um perdão distantes e desconhecidos, mas [teria de] viver de tal maneira que [quisesse] viver ainda e viver *assim* por toda a eternidade! – Nossa tarefa nos exige a cada instante”.<sup>12</sup> E é por essa razão que o “peso ético” da eternidade não estaria mais localizado num além-mundo, mas, sim, neste mundo terreno, já que “esta vida – [seria] tua vida eterna!”.<sup>13</sup> Nesse sentido, ao assumirmos o eterno retorno do mesmo, estaríamos fazendo o caminho *inverso* em relação ao modo de valorar das religiões dualistas, uma vez que colocaríamos, “sobre *nossa* vida o selo da eternidade! Esse pensamento comporta muito, muito mais que todas as religiões que desprezam a existência por terem ensinado que há uma *outra* existência, totalmente indefinida”.<sup>14</sup> Essa eternidade, que outrora desviava a vida da própria vida, viria, agora, a funcionar como instrumento de redirecionamento do “amor à vida, a fim de que nos enraizássemos de *todas* as maneiras possíveis nesta vida aqui!”.<sup>15</sup>

Levando isso em conta, a doutrina do eterno retorno expressaria uma nova forma de conceber a eternidade. Ou seja, o

---

<sup>12</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.503, 11 [161], outono de 1881.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.513, 11 [183], outono de 1881.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.503, 11 [158], outono de 1881.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.512, 11 [183], outono de 1881.

eterno retorno traria uma nova noção de eternidade que levaria à refundação das bases valorativas da civilização ocidental. Nesse sentido, podemos dizer que o eterno retorno é uma forma de combater o niilismo trazido pelas cosmovisões dualistas – o niilismo ocasionado pela noção do além-mundo que promove a negação da vida, no seio da vida. Com a doutrina do eterno retorno, a eternidade, que era conferida ao além, é, agora, concedida a este mundo. A partir de então, a Terra passaria a ter o mesmo peso referencial que outrora era dado ao além.<sup>16</sup> Se era a esperança de vida eterna no além que dava sentido à vida terrena, agora, é a repetição eterna da mesma vida terrena que daria significado à própria vida terrena. Outrora, o *peso da eternidade* do além mundo direcionava as ações da existência humana. Doravante, seria a doutrina do eterno retorno que deveria trazer o *peso da eternidade* sobre cada ato da existência de cada homem. E é nesse sentido que Nietzsche acredita que a doutrina do eterno retorno poderia transformar radicalmente o homem ocidental. Num póstumo de 1881, por exemplo, ele especula sobre esse poder de transformação. No trecho, ele compara sua doutrina à noção de danação eterna:

Mesmo se o círculo da repetição for apenas verossímil ou possível, a ideia de uma tal possibilidade não deixaria de ter o poder de nos transtornar e de transformar não apenas nossos sentimentos ou determinadas expectativas! O quanto a *possibilidade* da danação eterna soube trabalhar nesse sentido!<sup>17</sup>

Enfim, da mesma forma que o medo da possibilidade de danação eterna – ou a esperança da recompensa eterna – teve poder para orientar as ações humanas em direção a uma negação do

<sup>16</sup> Aqui, estamos de acordo com Héber-Suffrin. Ver: (HÉBER-SUFFRIN, 2012: 58).

<sup>17</sup> NIETZSCHE, Friedrich. KSA 9.523, 11 [203] outono de 1881.

mundo, uma doutrina que ensinasse a eternidade de cada instante terreno poderia redirecionar essas ações.<sup>18</sup>

\* \* \*

Antes de encerramos nosso texto, gostaríamos de fazer uma pequena análise crítica à linha interpretativa que entende a doutrina do eterno retorno do mesmo como uma espécie de imperativo ético. Examinemos a célebre seção *O Maior dos Pesos*, de *A gaia ciência*.<sup>19</sup>

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e este luar entre as árvores, e também este instante e eu mesmo. A perene ampuheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é,

---

<sup>18</sup> Aqui, estamos próximos do comentário realizado por Haar: “Da mesma maneira que o simples pensamento da danação eterna pôde modificar as ações dos homens, a fé em que cada instante da vida é digno de retorno elevaria a humanidade acima dela mesma” (HAAR, 1993: 57).

<sup>19</sup> É neste texto que o eterno retorno aparece explicitamente, pela primeira vez, em um texto publicado. Como dissemos, o eterno retorno já se faz presente em outros escritos anteriores, mas não se configura como a doutrina nietzschiana propriamente dita.

ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo ou com a vida, para não desejar nada além desta última, eterna confirmação e chancela? (NIETZSCHE, 2001: 230).

Alguns comentadores interpretaram a passagem acima como uma espécie de paródia ao imperativo categórico de Kant.<sup>20</sup> Se, para o filósofo de *Koenigsberg*, a ação do homem deveria ser guiada pelo mandamento: *age de modo que a máxima de tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo, como princípio de uma legislação universal*, a doutrina nietzschiana exortaria: “viva cada momento de uma forma que o afirme e queira que se repita pela eternidade”. Se concordarmos que Nietzsche realmente propõe essa reformulação do imperativo categórico, será preciso que também concordemos que ele subverte não só o conteúdo, mas também a forma do imperativo categórico. O filósofo teria transferido a prescrição kantiana do âmbito da universalidade do comportamento ético para uma espécie de máxima existencial individual e circunstancial. Se em Kant o mandamento era formal e deveria estender-se a todos os seres humanos e a todas situações, em Nietzsche o eterno retorno diz respeito à existência de cada homem, pois levaria cada um a se questionar sobre a própria existência.<sup>21</sup> A interrogação seria: *estou vivendo uma vida que su-*

<sup>20</sup> Acerca dessa questão, indicamos a análise de Marton (C.f. MARTON, 2001: 92, 93 e 94). Além de refletir sobre a relação entre o imperativo categórico e o eterno retorno, esse texto apresenta um bom apanhado dos autores que também trabalharam o tema – Etterich, Kittmann e Simmel são alguns exemplos (C.f. *Ibidem*. p. 92 e 93). Apesar de entendermos que a questão estava praticamente resolvida por Marton, Ullrich Haase voltou, recentemente, a promover a relação entre a doutrina do eterno retorno e o imperativo categórico (C.f. HAASE, 2011: p. 128).

<sup>21</sup> Sobre a relação entre o imperativo categórico de Kant e o eterno retorno, Roberto Machado também já havia chamado atenção acerca do caráter sin-

*portaria vivê-la da mesma maneira infinitas vezes?* Tal questão se distancia do formalismo prescritivo de Kant, como também da maioria das propostas vindas das tradições metafísicas e (ou) religiosas. Vejamos como Scarlett Marton já deixara clara essa diferença entre o imperativo de Kant e a proposta de Nietzsche:

Enquanto Kant espera subsumir os juízos acerca das ações individuais numa lei moral racional, Nietzsche quer apontar o caráter singular irrecuperável de cada ação. Se o primeiro coloca acima de circunstâncias particulares e vantagens passageiras a máxima que o homem deve seguir nas suas ações, o último a faz depender de situações conjunturais e subordina-se a interesses específicos. Para um, é a razão, enquanto faculdade do universal, que comanda imperativamente, obriga incondicionalmente a vontade do homem; Para o outro, são os pensamentos, sentimentos e impulsos que lhe impõem o que fazer (MARTON, 2001: 94).

Indo um pouco mais adiante em nosso raciocínio, se prestarmos atenção ao trecho de *A gaia ciência*, poderemos notar que o “conteúdo existencial” é proposto em forma de questionamento, e não de prescrição ética. No texto, está expressa uma interrogação e não um conselho ou uma prescrição. A pergunta é: “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”. Ora, o autor admite duas possibilidades de reação frente à questão do demônio: você “não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: ‘Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!’”. Portanto, o eterno retorno tanto poderia significar algo penoso e repulsivo quanto algo alegre e atrativo. Tudo

---

gular deste e da pretensão universal daquele. Ver: (MACHADO, 2001: 133 e 134).

dependeria do tipo de vida que se leva nesta existência terrena.<sup>22</sup> Enfim, a doutrina não apregoaria uma maneira única e “correta” para se viver, mas proporia uma avaliação acerca da vida terrena, tendo como referência a própria vida terrena. Nesse sentido, entendemos que o impacto do eterno retorno sobre os homens seria mais semelhante a um questionamento existencial do que a prescrição de uma norma ética.

---

<sup>22</sup> Nuno Nabais já havia ressaltado essas diferentes possibilidades de impacto existencial que a doutrina do eterno retorno poderia provocar. “A ideia de Eterno Retorno é constituída por uma ambivalência existencial incontornável. Ela induz posturas existenciais tão distintas quanto diferentes ; são os modos de visar o passado. Para aquele no qual a memória do passado é sempre refractada [sic] na consciência da impotência e da culpa e que, por consequência, apenas a deseja apagar, anular ; para esse, a ideia de um retorno infinito desse passado tal e qual ele foi, a ideia de uma repetição de todos e cada um desses actos [sic] que ele quer esquecer, apareceria como uma maldição, como um terrível castigo: essa ideia aniquilá-lo-ia. A ideia de Eterno Retorno só vem conferir plenitude a cada um e a todos os instantes da nossa existência quando essa plenitude já está realizada. Unicamente para quem experimenta o passado, já no sentimento de nostalgia, pode a ideia de retorno desse mesmo passado representar um ‘pensamento divino’” (NABAIS, 1997: 203). No mesmo sentido vai Zuboff. Para o comentador, a aceitação da doutrina como verdadeira poderia trazer uma sensação de eterno desespero “para aqueles que se sabem malditos em sua fraqueza”, mas, por outro lado, poderia provocar uma grande alegria “naqueles que sabem que podem viver alegremente esta vida”. (ZUBOFF, 1980: 344). Ivan Soll também trata sobre esse assunto. Para esse comentador, inclusive, a importância central da doutrina estaria nas possíveis consequências psicológicas trazidas por essa “nova” teoria cosmológica. Ver: (SOLL, 1980: 322-325 e 339). Este mesmo comentador, no entanto, também levanta a possibilidade da completa indiferença psicológica frente à doutrina nietzschiana. (ibidem. p. 339).

## Referências

DANTO, Arthur. The eternal recurrence. In: SOLOMON, Robert C. **Nietzssche, a collection of critical essays**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1980.

D' IORIO, Paolo. Cosmologia e filosofia do eterno retorno em Nietzsche. In: MARTON, Scarlett (org.) **Nietzsche pensador mediterrâneo: a recepção italiana**. São Paulo: Discurso, 2007.

FRANCK, Didier. **Nietzsche et l'ombre de dieu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

HAAR, Michel. **Nietzsche et la métaphysique**. Paris: Gallimard, 1993.

HAASE, Ulrich. **Nietzsche**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **Lecture d'ainsi parlait Zarathoustra**. Tome I. De la vertu sommeil à la vertu éveil. Paris: Kimé, 2012.

LÖWITH, Karl. **Nietzsche, philosophie de l'éternel retour du même**. Trad. Anne-Sophie Astrup. Paris: Hachette littératures, 1998.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTON, Scarlett. O Eterno Retorno do Mesmo: Tese Cosmológica ou Imperativo Ético?. In: **Extravagâncias: ensaios sobre a Filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso editorial e Editora Unijuí, 2001.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Unifesp, 2009 (sic) [2011].

NABAIS, Nuno. **Metafísica do Trágico**. Lisboa: Relógio d'Água. 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke**. Kritische Studienausgabe (KSA). Organizada por Giorgio Colli e Mazzimo Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1999, 15 v.

\_\_\_\_\_. **Obras incompletas**. Trad: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOLL, Ivan. Reflexions on recurrence: a re-examination of Nietzsche's doctrine, die Ewige Wiederkehr des gleichen. In: SOLOMON, Robert C. **Nietzssche, a collection of critical essays**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1980.

STAMBAUGH, Joan. **Nietzsche's thought of eternal return**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University press, 1972.

STERLING, M. C. Recent discussions of eternal recurrence. In: **Nietzsche Studien**. 6. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1977.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche et le problème de la civilisation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

\_\_\_\_\_. **La philosophie de l'esprit libre**. Paris: Flammarion, 2008.

ZUBOFF, Arnold, Nietzsche and eternal recurrence. In: SOLOMON, Robert C. **Nietzssche, a collection of critical essays**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1980.